

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



"Emprego depende de cortar direitos"

(Esta é a receita fatal de Yves Gandra Filho, presidente do Tribunal Superior do Trabalho)

PSDB: colado, mas rachado

► **Não faltam tucanos a querer desligar-se do governo, enquanto Serra não desiste da sua ambição à Presidência e FHC se porta como o ex-imperador que gostaria de voltar ao trono**

O PMDB e outros partidos aliados da base governista ameaçam chutar o traseiro do PSDB a qualquer momento e expulsar os tucanos ainda empoleirados no governo de Michel Temer, enfraquecido pelo fantasma da corrupção e, principalmente, pela baixa popularidade de 3%, medida por pesquisa.

A dúvida tem marcado ao longo do tempo, como se sabe no mundo político e se percebe na inquietação do eleitor tucano, o estandarte característico do PSDB, que pode ser interpretado assim: na dúvida fique no muro.

Há quase dois meses a bancada tucana de 47 deputados dividiu-se no julgamento de Temer cercado por denúncias da Procuradoria-Geral da República.

Serra sonha ainda, FHC descarta Alckmin enquanto Doria está queimado

A partir daí fazem forte pressão para romper com o governo nascido de um golpe contra a presidenta Dilma Rousseff.

Diante desse sai-não-sai, o deputado governista Benito Gama, certamente irritado, argumentou contra uma possível concessão de Temer: "Para salvar 22 votos do PSDB, vai perder 200".

Por essa e por outras o senador tucano José Serra, tomado pela inesgotável ambição à Presidência da República, fez recentemente um desabafo sobre a melhor forma de entender o comportamento tucano: "Só com psicanálise". Caso seja mesmo assim, aqui entra em cena o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Embora não tenha mais fôlego político, FHC insiste em tentar influenciar os rumos do PSDB e, com a habitual presunção, arrisca-se às vezes a "governar" o destino do País. Por inspiração, quem sabe, do tucano cearense Tasso Jereissati. Para tanto, já atirou contra outro cearense, Ciro Gomes, que considera um político "irado". Ele ataca também o PT, ou melhor, Lula, sem misericórdia em relação ao PMDB.

Considera que as chances de vitória do petista "não são grandes" e não avoca a modestia: "Derrotei Lula duas vezes, quando ele já era um líder partidário de massas". Atropela o PMDB, "não parece ser um time pronto para disputar a *pole position*", e acredita que o PSDB pode "apresentar algum nome competitivo".

Pelo visto, FHC descarta o governador Geraldo Alckmin, derrotado para presidente em 2006. A bem da verdade, o ex-presidente parece já se expor como presidenciável.

João Doria, o apressado prefeito paulistano, está queimado. Ou melhor, queimou-se. Os tucanos estão desnorteados. Vão continuar inquietos. E o problema começou na cúpula do PSDB, onde estourou a crise mais profunda do partido, em quase 30 anos de competição eleitoral.

Lula é o espantalho. E ganhará, salvo se for bloqueado pela Injustiça. •





Anjo político

Em artigo semanal publicado no dia 5, o tucano Fernando Henrique Cardoso apresentou, segundo ele, o nome competitivo para disputar a Presidência da República pelo PSDB.

FHC ignorou a ambição do governador paulista, Geraldo Alckmin, e, por outro lado, reverenciou o senador tucano Tasso Jereissati como guardião da moralidade política.

Para o ex-presidente, é preciso que o partido prosiga no caminho do *mea-culpa*, que enfrentou resistência tucana, apresentado no horário do partido na tevê “sob os auspícios” do senador cearense.

Jereissati tornou-se para FHC um anjo caído do céu.

“Santo” do pau oco

Mesmo que Alckmin tenha recebido o apelido de “Santo”, nos corredores da Odebrecht a alcunha dele não satisfaz FHC.

Parece que para o ex-presidente o sujeito é puro ou não é.

Para evitar perder a santidade, Alckmin designou o cunhado para fortalecer as campanhas eleitorais. Inútil decisão.

Foi acusado de receber 10 milhões de reais da Odebrecht.

Telhado de vidro

Eis que, de repente, não mais que de repente, o ministro Edson Fachin, do Supremo Tribunal Federal, enviou à Procuradoria-Geral da República as

Jereissati descobre que FHC, além de príncipe, é também santo

referências feitas a FHC pela Odebrecht.

Emílio Odebrecht, dono da empresa, falou de doações para o caixa 2 nas duas eleições presidenciais que FHC disputou e venceu.

Enviadas por Fachin, essas denúncias chegaram a São Paulo e, ao que consta, desapareceram.

Golpe ou impeachment?

Fernando Henrique tropeçou na última linha do artigo escrito dominicalmente.

No texto, ele torce para que surja “uma coligação” que permita ao Brasil “virar a página dos desastres recentes”. Quais são?

Terá ele, um líder do golpe contra a presidenta Dilma, incluído o desastre de deposição da democracia?

Peso do martelo

A Oitava Turma do Tribunal Regional Federal, que julga processos da Lava Jato em segunda instância, elevou de 10 para 24 anos a pena de João Vaccari, ex-tesoureiro do PT.

Certamente, uma decisão muito dura e pode vir a ser um modo de tentar forçar delação contra Lula por parte da necessidade daquelas provas chamadas de robustas.

Não se sabe se Vaccari tem segredos para contar.

A boca da urna

Caso alguém duvide que a eleição de 2018 pode não acontecer, caso Lula persista em ganhar a competição, anote a advertência do professor Fábio Konder Comparato, do pequeno grupo de grandes juristas wbrasileros:

“As eleições estão nas mãos da oligarquia”.

Em seguida, corra às livrarias atrás do livro dele *A Oligarquia Brasileira: Visão histórica*.

mauriciodias@cartacapital.com.br